HOMENS ESPECIAIS

Jose Horácio de Araujo

Sertão da Bahia, região Nordeste, lá para as bandas da Chapada Diamantina – onde a seca castigava já fazia algum tempo. Mas podia ser num outro lugarzinho qualquer do nosso país, do mundo.

Os trabalhadores rurais sofriam terrivelmente os efeitos da longa estiagem; os animais padeciam de sede e fome; os poucos tratores que ainda existiam estavam parados e, vez ou outra, quando em viagem para vistoriar obras, eu encontrava pelas estradas caminhões apinhados de gente. Para onde iam? Só Deus sabia. Estavam perambulando, em paus de arara, pelas estradas da incerteza, dos sonhos. Na verdade, fugiam da fome, da seca, da sufreguidão humana. A esperança de todos, inclusive dos que ficavam, era de que as nuvens carregassem, escurecessem, se espraiassem pelo céu e que São Pedro abrisse a torneira do grande chuveiro.

Naquela primeira metade da década de 1980, o Banco do Brasil tinha algumas obras espalhadas na região e as vagas de trabalho eram disputadíssimas. Muitos trabalhadores rurais visitavam os canteiros das obras na esperança de uma oportunidade para trabalhar. As construtoras, além de não ter condições de atender a todos, relutavam em fazê-lo, argumentando que aqueles trabalhadores não tinham experiência em serviços de tal natureza – o que, em parte, era verdade. Presenciei muitas dessas cenas – elas me machucavam muito. Era duro ver um pai de família mendigar um dia de serviço. Na cidade de Irecê, por exemplo – conhecida como a capital do feijão -, havíamos começado a construção de um conjunto de alojamentos residenciais para funcionários - 16 unidades. Através de uma boa conversa, com forte viés humanista, aconselhei ao engenheiro da obra que disponibilizasse algumas vagas, em trabalhos menos especializados, para a contratação daqueles trabalhadores. Argumentei que, bem orientados, eles cumpririam bem suas tarefas. Deu certo: alguns daqueles homens foram acolhidos com certo carinho, pois víamos neles homens que iam construir para alguém morar e que, em épocas outras, eram homens que cultivavam a terra para alguém comer. Eram, portanto, homens especiais.

O tempo seguiu ser curso natural, já era outubro e as chuvas não chegaram; o término das obras se aproximava e o medo de ficar sem o sustento de suas famílias, que aquele trabalho lhes garantia, passou a pairar sobre os operários. Antes das vistorias técnicas, eu costumava fazer um caminhar humano pelo canteiro de obras, gostava de conversar com os operários – essa interação me fazia bem. Vez ou outra eu ouvia perguntas do tipo: vão começar outras obras, doutor? Minha sensibilidade estava sendo testada permanentemente, pois as possibilidades de outras obras começarem eram remotíssimas. Tinha hora que dava um nó na garganta, um tranco no peito. É que eu sabia o quanto aquele trabalho estava sendo importante para a sobrevivência de tantas famílias.

Em mais de uma ocasião flagrei conversas esperançosas entre os operários – principalmente os agricultores –, desejando enormemente que as chuvas chegassem. Também mergulhei de corpo e alma nas asas daquela esperança, pois com a chegada da chuva a alegria viria junto e todos aqueles operários teriam trabalho, com certeza. Certa vez ouvi um curto diálogo entre dois operários, um disse: ontem sonhei com um pé de umbu carregado – estava tão bonito... verdinho, verdinho. Eita saudade de uma umbuzada – respondeu o outro. Na verdade, sonhavam e sentiam saudade da chuva, pois a chuva era, e é, a alma do corpo daquela terra seca. Naquele contexto, de fato, a chegada das chuvas era a única saída. E o tempo continuou inexoravelmente sua trajetória.

Acontece que numa tarde do mês de novembro, da qual jamais me esqueço, o dia começou a escurecer precocemente. Primeiro, o mormaço quente e escaldante foi cedendo lugar a um ventinho fresco, com cheiro de chuva, camaradinha...camaradinha. De repente, olhei e vi alguns operários juntos, de pé, olhando para o céu, na direção Leste, na direção do tabuleiro da Chapada. Aproximei-me deles e também olhei. E ficamos todos olhando. E olhamos lá longe, tão longe até onde nossas vistas alcançavam, e vimos nuvens que estavam se formando. Ali onde estávamos, um clima de festa começava a ser desenhado e eu percebi nos olhos dos operários que a esperança começava a florescer como se fosse uma dádiva de Deus. E a esperança daqueles operários – principalmente dos agricultores – era tanta, mas tanta e tão grande que pareceu ter funcionado como um grande ímã, que tirou as nuvens da inércia e elas começaram um lindo movimento na direção daquele canteiro de obras. E nós ficamos a esperá-las de braços e corações abertos.

E aquelas nuvens em movimento foram recebendo a solidariedade e a companhia de outras; foram crescendo, crescendo, se espalhando, escurecendo, cresceram ainda mais e engravidaram. Ficaram cheias, lindas, maravilhosas. E as nuvens, agora mais pesadas, continuaram se deslocando calmamente na direção daqueles homens esperançosos. De repente, tive a impressão de que elas pararam sobre nossas cabeças, sobre a cidade e todo o seu entorno. O clima de alegria se espalhou pelos labirintos humanos da obra, a ambiência ficou sensível, parecendo mais um quadro majestoso pintado pela mão do Criador. Manoel da betoneira não se conteve, deu um grito emocionado e danou-se a cantar. O coro aumentou, outros operários também cantaram e, num canto, eu vi Zé vigia chorando. Juro que era de alegria. Emocionei-me e meus olhos marejaram. Lembrei dos meus tempos de menino na roça – Sítio Caldeirão, distrito de Caruaru –, quando vibrava com a chegada das chuvas.

Em dado momento, num de repente, vimos relâmpagos, em seguida ouvimos trovões, confesso que tive a impressão que senti quando a força da gravidade agiu, quando um raio caiu, quando a nuvem o seguiu, pariu, a terra se abriu e foi logo molhando. Foi tão rápido! Numa fração ínfima de tempo me veio à mente a lembrança de uma linda canção de Gonzaguinha – A festa. Foi tão bom, tão bonito, que na alegria estampada no rosto daqueles homens eu via o milho pro céu apontando, o algodão desabrochando, o feijão enramando, o jerimum e a melancia pelo chão ziguezagueando, a colheita chegando e todo mundo alegre, colhendo e cantando.

Não dá para esquecer!

Na noite daquela bonita tarde, eu fiquei da janela do hotel vendo os relâmpagos bailarem na escuridão da Chapada ao som harmonioso da orquestra dos trovões - regida pelas mãos da Força Criadora do Universo. Meu coração virou um grande salão de festas e já muito tarde, fui dormir com um desejo enorme de sonhar com Deus, para atirar-me em Seus braços e dar-Lhe um infinito beijo de agradecimento.

SSA (BA), 09/1986.

=====

Postado em 31/08/2021

Colaboração: *Carlos Antonio Almeida – Esplanada.*

Comentários:

- *Agenor Francisco dos Santos.*

“Dr. José Horácio, poeta e cronista de mão cheia. Pernambucano arretado! Sou seu fã!

A agência de Irecê deve muito a ele, quando engenheiro e depois quando nomeado

Chefe do Departamento de Engenharia do BB na Bahia. Tudo que se pedia para qualquer reforma na agência, logo éramos atendidos! Figura muito simpática! “

- *João Edison Salete Aguiar.*

“Grande Horácio! Um ser humano que nasceu antes do tempo! E de um tempo que parece cada vez mais difícil de chegar!”